DES(ORDEM), VIOLÊNCIA E EFEITOS DE VERDADE EM "ANATOMIA DE UMA QUEDA"

Edvania Gomes da Silva
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6201-7583
Endereço eletrônico: edvaniagsilva@gmail.com

Palavras-chave: discurso; efeito de verdade; interpretação; violência.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é discutir e problematizar alguns aspectos do filme francês "Anatomia de uma queda" (*Anatomie d'une chute* - 2023), dirigido por Justine Triet, a fim de analisar de que forma o referido filme indica o funcionamento de um discurso de injunção à verdade e à violência na sociedade contemporânea. Para tanto, recorremos, principalmente a três textos: *A ordem do discurso* (2007 [1971]), de Michel Foucault; *Discurso: estrutura ou acontecimento* (2006 [1983]), de Michel Pêcheux; e *Relações de Força* (2002 [2000]), de Carlo Ginzburg. Em relação ao primeiro texto, centramo-nos na discussão que Foucault faz sobre o que chama de "vontade de verdade".

Essa discussão nos ajuda a problematizar a questão do efeito de verdade que está na base de alguns discursos presentes em nossa sociedade, inclusive no discurso jurídico, mormente quando se trata da pesquisa da verdade, que se realiza, como defende o próprio Foucault (1999 [1973]), na estrutura do inquérito. No que se refere ao segundo texto, remetemos à relação que Pêcheux propõe entre os universos logicamente estabilizados e os irremediavelmente equívocos. Nesse caso, buscamos indicar como o Tribunal do Júri funciona com base em discursos que se apresentam como logicamente estabilizados, justamente por produzirem efeitos de verdade, mas que são, de fato, irremediavelmente equívocos.

Por fim, no que diz respeito ao texto de Ginzburg, recorremos à discussão que o autor faz acerca da constituição da "prova" para mostrar que tanto no filme (obra ficcional) quanto em um vídeo gravado por um, à época, pré-candidato à presidência da República do Brasil, a

manipulação e a construção de efeitos de verdade podem funcionar como "provas", caso não haja, por parte dos responsáveis pela aplicação das leis, o reconhecimento da existência do que Ginzburg (2002 [2000]) chama de "rigor flexível".

METODOLOGIA

Em relação à metodologia de coleta dos dados, selecionamos e catalogamos alguns trechos do filme "Anatomia de uma queda", destacando sequências discursivas (Courtine, 2009 [1981]) que podem ser interpretadas com base no arcabouço teórico-metodológico adotado. No que se refere à análise dos dados, realizamos o batimento entre teoria e análise, conforme proposto pela Análise de Discurso materialista. Analisamos os dados de forma qualitativa e procedemos com base no que propõe Ginzburg (1989) acerca do paradigma indiciário. Nessa perspectiva, cada dado foi visto como um indício de um funcionamento discursivo mais amplo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No filme "Anatomia de uma queda", uma escritora, Sandra (Sandra Hüler), é acusada de assassinar o marido, Samuel (Samuel Theis), empurrando-o da sacada da casa deles, que fica nos Alpes Suíços. Durante o julgamento, a personagem Sandra é apontada como culpada pelo promotor do caso, porque é independente, segura e sexualmente ativa. Nota-se que a questão inicial do filme não é se a personagem principal matou ou não o marido, mas como e porque uma determinada narrativa ganha força frente a outras. Nessa perspectiva, o julgamento, que toma boa parte da narrativa fílmica, não trata da verdade que deve ser "descoberta", mas mostra algumas formas por meio das quais a intimidade de alguém pode ser explorada, esmiuçada e espetacularizada devido a uma suposta busca pela verdade.

Defendemos que há, no filme, várias formas de violência simbólica. Mesmo antes do julgamento, algumas cenas apontam para essas diferentes formas de violência. No momento da autópsia, por exemplo, há uma exposição excessiva do corpo de Samuel. Nesse momento, enquanto o corpo despido e sem vida é fotografado em diferentes posições e manipulado de um lado para o outro, o legista afirma:

> Ainda não podemos determinar se a lesão resultou de uma colisão com a superfície ou de um golpe. Nesse estágio, não podemos descartar o

> envolvimento de uma terceira pessoa. Causa médica da morte: traumatismo craniano. Causa forense: acidental ou intencional. Análises toxicológicas são necessárias para estabelecer a verdade (*Anatomia de uma queda*, 2023, 10min)

Nesse trecho, vemos que o corpo é manipulado, fotografado, descrito em detalhes a fim de que se possa auferir desse corpo já sem vida uma suposta verdade probatória. O corpo de Samuel é violentado em sua integridade para que suas marcas ou os indícios nele encontrados possam "provar" se o que aconteceu foi um acidente ou um assassinato.

Além disso, no julgamento de Sandra, há também uma sucessão de pequenas violências. A forma como a ré é inquerida, o modo como a vida dela e da família é esmiuçada, como sua intimidade é exposta publicamente, é já uma forma de violência. O promotor busca o tempo todo mostrar que Sandra é vulgar, manipuladora, alcoolista, irresponsável. É isso que indicam, por exemplo, as perguntas que ele faz a aluna que vai à casa de Sandra para entrevistá-la na primeira cena do filme, antes mesmo da morte de Samuel. Em determinado momento do interrogatório feito à aluna, o promotor pergunta:

> Você sabia que Sandra é bissexual? E percebeu isso à época? Ouvindo de novo a agravação (da entrevista que ela começou a fazer com Sandra), sob outra perspectiva, você diria que houve um jogo de sedução por parte dela? (*Anatomia de uma queda*, 2023, 54min)

A depoente explica, então, que existem vários sentidos para "sedução", mas o promotor insiste em indicar que Sandra estava flertando com a aluna que queria entrevistá-la.

Esses dois momentos do filme indicam que há, por parte da polícia e do judiciário, uma pesquisa da verdade (Foucault, 1999 [1973]), a qual, no caso do filme, culmina no julgamento de Sandra. Essa pesquisa coaduna com a imagem historicamente construída acerca do Tribunal do Júri, que funciona como lugar de emergência da verdade.

Ao final do filme, Sandra é absolvida, mas não fica claro se ela matou ou não o marido. Esse desfecho produz o efeito de que aquele julgamento não foi, de fato, uma pesquisa da verdade, pois o Tribunal do Júri não é o lugar onde os sentidos funcionam de forma logicamente estabilizada. Nele, emergem sentidos irremediavelmente equívocos, mas que são apresentados, sob os rótulos da prova e da verdade, como se fossem estáveis e inquestionáveis. Nesse sentido, como afirma a assistente social Marge Berger (Jehnny Beth) designada para ficar com Daniel (Milo Machado Graner), o filho cego - ele ser cego é um

dado que também contribui para interpretação do filme - de Sandra e Samuel, durante o decorrer do inquérito e, também, durante o julgamento:

> Quando não temos uma prova para julgar uma coisa e esse sentimento é insuportável, a única coisa que podemos fazer é decidir. Entende? Para sair da dúvida, às vezes, somos forçados a mudar para um lado e não para o outro. Você tem que acreditar em alguma coisa e são duas opções, você tem que decidir (*Anatomia de uma queda*, 2023, 2h:07min).

E Daniel, cego como a justiça, decide por acreditar na mãe e, com base nessa decisão, reinterpreta uma conversa dele com o pai.

Nesse sentido, defendemos que "Anatomia de uma queda" trata, principalmente, da violência que é "ter que decidir", "ter que escolher um lado", uma vez que não existe uma verdade única e absoluta.

Ao compararmos o filme com um vídeo que circulou na Internet, vemos como o mesmo jogo de manipulação feito pelo promotor do caso de Sandra, no filme, se repete quando o "personagem" do vídeo descreve um latrocínio, induzindo quem o assiste a assumir uma postura vingativa, ao afirmar que "nós perdemos uma pessoa boa, como o Gabriel (vítima de latrocínio), mas continuamos tendo nas ruas o assassino do Gabriel. Eu não quero que outros gabrieis morram e pra isso o Estado brasileiro, muito provavelmente, terá que matar, e eu estou sendo muito claro, matar membros do crime organizado". Nessa fala, o locutor assume a posição de justiceiro e convoca seus interlocutores a assumirem essa mesma posição-sujeito. Para tanto, ele parte de um pré-construído segundo o qual o assassino de Gabriel é membro do crime organizado. Contudo, tal pré-construído, mesmo sendo apresentado como verdade irrefutável, não é, em nenhum momento do vídeo, comprovado. Cria-se, portanto, um efeito de verdade, o qual alia-se a um outro pré-construído: o de que "bandido bom é bandido morto" e ambos passam a dar sustentação à fala do pré-candidato Renan Santos (Partido MISSÃO).

CONCLUSÕES

A análise de alguns trechos do filme "Anatomia de uma queda" indica que há, na sociedade contemporânea, uma injunção à verdade, mas também à violência. Muitas vezes, busca-se o(a) culpado(a) por um crime não por uma questão de justiça, mas pela possibilidade

de dar mais visibilidade à histórica ligada ao crime, incentivando a exposição da intimidade alheia, e, também, fomentando atos de violência supostamente legítimos. É isso que vemos também no vídeo do pré-candidato à presidência: o incentivo à violência, à vingança, à barbárie.

Nesse caso, reconhecer que a verdade é uma construção histórica e não um dado não é relativizar os fatos, mas é saber que, como defende Pêcheux (1983):

> O ponto crucial é que, nos espaços transferenciais da identificação, constituindo uma pluralidade contraditória de filiações históricas (através das palavras, das imagens, das narrativas, dos discursos, dos textos, etc...), as "coisas-a-saber" coexistem assim com objetos a propósito dos quais ninguém pode estar seguro de "saber do que se fala", porque esses objetos estão inscritos em uma filiação e não são produto de uma aprendizagem (Pêcheux, 2006 [1983], p. 55).

Em outras palavras, a verdade é uma construção e depende dos processos ideológicos sob os quais é elaborada e, também, das relações que se estabelecem entre sujeitos, instituições e condições de possibilidade historicamente determinadas.

REFERÊNCIAS

ANATOMIE D'UNE CHUTE. Direção de Justine Triet. Produção de Marie-Ange, Philippe Martin e David Thion. França: Les Films Pelléas e Les Films de Pierre. 2023. Prime Vídeo, 2h31min

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009 [1981]

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** - aula inaugural no Collège de France. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2007 [1971].

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução: Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau, 1999 [1973].

GINZBURG, Carlo. **Relações de Força**: história, retórica, prova. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: CIA das Letras, 2002 [2000].

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais** – morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: CIA das Letras, 1989. p. 143-179.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni P. Orlandi. Campinas/SP: Pontes, 2006 [1983].